

OPINIÃO

O futuro da medicina com inovações em AIoT e machine learning

Marcio Aguiar (*)

A integração de técnicas de aprendizado de máquina e soluções de IA e internet das coisas está redefinindo a forma como os hospitais monitoram, fornecem o diagnóstico e tratam os pacientes

podem tirar dúvidas sobre a anestesia e o procedimento cirúrgico, por exemplo.

Apesar das inovações, há desafios a serem superados. Algumas questões críticas, como segurança e privacidade dos dados, devem ser consideradas pelas empresas, principalmente em um cenário onde informações sensíveis de saúde são transmitidas e armazenadas. É importante investir em infraestrutura para proteger esses dados e garantir que os pacientes mantenham o controle sobre suas informações.

De acordo com a pesquisa TIC Saúde 2024, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic), o setor privado concentra o maior uso de inteligência artificial. Segundo o levantamento, 26% dos enfermeiros e 20% dos médicos já fizeram uso de IA generativa durante o ano. No setor público, o uso por enfermeiros foi de 11%, seguido por 14% dos médicos. Para os enfermeiros, o uso da ferramenta foi para auxiliar em pesquisas (86%) e na comunicação entre a equipe de trabalho (66%). Já para os médicos, 69% utilizaram para auxiliar em pesquisas e 54% para auxiliar nos relatórios inseridos em prontuários.

Esse é outro ponto importante a ser ressaltado, além da adoção de tecnologias avançadas na área da saúde, é necessário que haja capacitação de profissionais para que eles consigam lidar com essas ferramentas no dia a dia.

O impacto do machine learning e do AIoT no setor de saúde vai além do tratamento individual. Essas tecnologias estão promovendo avanços significativos na medicina preventiva e na saúde populacional. Ao explorar o potencial dessas inovações, uma coisa é certa: o futuro da saúde será mais conectado, personalizado e eficiente.

(*) Diretor da divisão Enterprise da NVIDIA para América Latina.

CEO da Ford acredita que metade dos trabalhadores de áreas administrativas perderá seus empregos

O CEO da Ford, Jim Farley, afirmou recentemente acreditar que a metade dos americanos que trabalham em áreas administrativas poderá perder seus empregos para a inteligência artificial nos próximos anos.

Vivaldo José Breternitz (*)

Embora outros executivos discordem dessa visão, Farley não está sozinho em suas previsões. Diversos líderes empresariais têm alertado, ao longo de 2025, que o ambiente de trabalho passará por transformações profundas devido à IA — o que, segundo reportagem do Wall Street Journal, poderá resultar em demissões em massa.

O debate sobre os efeitos da IA no mercado de trabalho vem ganhando força nos últimos anos. Curiosamente, algumas das previsões mais alarmistas partem de dentro da própria indústria de IA. Dario Amodè, CEO da Anthropic, fez declarações de conteúdo semelhante e foi além, dizendo que o desemprego naquele país poderia chegar a 20%.

Executivos de outros setores também vêm emitindo alertas; além de Farley, o CEO da plataforma Fiverr, voltada a freelancers, Micha Kaufman, escreveu aos seus funcionários que “não importa em qual setor você atue, a IA está vindo atrás de você”.

Tobi Lütke, CEO da Shopify, teria dito que sua empresa só contratará novos profissionais para tarefas que a IA não consiga executar. A IBM já substituiu centenas de colaboradores da área de recursos humanos por agentes de IA, enquanto a Microsoft estaria expandindo internamente o uso da tecnologia — o que pode ter influenciado sua mais recente onda de demissões.



IA_CANVA

Em maio, o CEO do JPMorgan Chase, Jamie Dimon, revelou que a instituição pode reduzir seu quadro de funcionários em até 10% nos próximos anos, em razão da adoção de ferramentas baseadas em IA. Já Andy Jassy, CEO da Amazon, informou aos empregados em junho que a força de trabalho da empresa deve encolher nos próximos anos, em linha com a automação crescente de suas operações.

Entretanto, nem todos compartilham esse pessimismo. Jensen Huang, da Nvidia, disse que “discorda de quase tudo” o que foi dito por Amodè sobre os riscos da IA. Já Brad Lightcap, COO da OpenAI, afirmou que há poucas evidências de que empregos de entrada tenham sido substituídos em larga escala, e que quaisquer mudanças futuras não devem ser tão rápidas ou

abrangentes quanto alguns preveem.

Há também quem defenda que, embora certos cargos possam ser eliminados, outros se tornarão mais relevantes. Após a redução de sua equipe de RH, a IBM, por exemplo, ampliou a contratação de programadores e vendedores.

Outros especialistas apontam que a IA não eliminará empregos, mas sim tornará os profissionais mais produtivos, aumentando a eficiência sem necessariamente reduzir a força de trabalho.

De qualquer forma, a sociedade deve permanecer alerta em relação ao tema.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor e consultor – vjntz@gmail.com.

Estudo revela que quem usa IA no trabalho é visto como preguiçoso; especialista rebate

Uma pesquisa recente da Duke University, nos Estados Unidos, revelou um fenômeno no ambiente corporativo: profissionais que utilizam inteligência artificial para otimizar suas tarefas são estigmatizados por colegas como “preguiçosos” ou “menos competentes”. O estudo, que envolveu 4,4 mil participantes, aponta que essa resistência pode estar criando barreiras invisíveis para a adoção de tecnologias que já são realidade no mercado.

Segundo a pesquisa, conduzida por um trio de analistas de negócios, muitos entrevistados acreditavam que seriam julgados negativamente ao usar ferramentas como ChatGPT no ambiente profissional. Além de serem vistos como menos diligentes, esses profissionais temiam ser percebidos como mais facilmente substituíveis do que aqueles que se recusam a utilizar aplicativos de IA.

Em um dos experimentos, os participantes foram convidados a descrever como enxergavam colegas que recorriam à IA para realizar tarefas. Os resultados foram contundentes: muitos os consideravam “menos competentes em seus trabalhos, preguiçosos, menos independentes, menos autoconfiantes e menos diligentes”. O estudo também simulou um processo de contratação, revelando que “gerentes” eram menos propensos a contratar candidatos que admitissem usar IA em suas funções. Curiosamente, essa resistência diminuía significativamente quando o próprio gerente era usuário de ferramentas de inteligência artificial.

Para Ricardo Marsili, especialista em IA e CEO da M2br Academy, essa percepção negativa é sintomática de um descompasso entre a realidade tecnológica e a cultura



JIFREK - CANVA

organizacional. “O que vemos aqui não é um problema da tecnologia, mas sim um reflexo da falta de preparo das equipes para lidar com a transformação digital. É como se estivéssemos revivendo o mesmo preconceito que existia contra quem usava calculadoras há décadas”, afirma.

Ricardo ressalta que a IA não substitui habilidades humanas fundamentais, mas as complementa. “Usar inteligência artificial não é ‘trapacear’ ou ‘fazer menos trabalho’”. É trabalhar de forma mais inteligente, focando o potencial humano onde ele realmente faz diferença: na criatividade, no pensamento crítico e na tomada de decisões estratégicas”, explica o especialista.

Ele também alerta para as consequências competitivas desse estigma. “Empresas que cultivam essa cultura de resistência à IA estão, na prática, escolhendo ser menos produtivas e inovadoras. É como decidir competir em uma corrida

de Fórmula 1 com um carro de passeio, enquanto seus concorrentes usam toda tecnologia disponível”, compara.

Segundo Ricardo, a solução passa por uma mudança de mentalidade corporativa. “Precisamos redefinir o que significa ser produtivo e competente no século XXI. Não se trata mais de quem trabalha mais horas ou quem memoriza mais informações, mas de quem consegue entregar os melhores resultados, independentemente das ferramentas utilizadas”, defende.

O especialista recomenda que empresas invistam em programas de letramento digital que desmistifiquem a IA. “Quando todos entendem como a tecnologia funciona e quais são seus limites, o foco deixa de ser ‘quem está usando IA’ e passa a ser ‘quem está entregando as melhores soluções’”. O verdadeiro diferencial está em como você aplica a ferramenta, não no fato de usá-la ou não”, conclui.

News @TI

Três prêmios por melhores práticas em cases que combinam inovação, empatia e resultados

A Necxt foi um dos grandes destaques do Prêmio Cliente SA 2025. A companhia conquistou os três principais troféus da premiação com cases que combinam inovação, empatia e resultados. A premiação é referência nacional no setor e reconhece as melhores práticas em gestão de CX, tecnologia e cultura centrada no cliente. Na frente de diversidade e inclusão, a empresa foi premiada na categoria “Melhor Iniciativa de Inclusão e Diversidade” com o projeto interno “Utilização dos cordões de girassol e quebra-cabeça: passos para visibilidade e inclusão”. A iniciativa promoveu um ambiente mais acolhedor para pessoas com deficiências ocultas e Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi incorporada ao onboarding dos novos colaboradores e recebeu ampla adesão da equipe.

SoulCode Studio

A SoulCode Academy anuncia o lançamento de um novo pilar de negócios: o SoulCode Studio. A iniciativa marca um novo capítulo na trajetória da organização, oferecendo consultoria em projetos especiais para empresas, com foco na entrega de soluções digitais e de inteligência artificial, além da geração de renda para os alunos formados pela SoulCode. O Studio nasce com a ambição de representar até 30% da receita da edtech até o final de 2025, reforçando o compromisso da SoulCode com a combinação de impacto social e performance de negócios.

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Laurinda Machado Lobato (1941-2021) Responsável: Lilian Mancuso

Editorias Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br); Comercial: comercial@netjen.com.br; Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza. Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço Informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA. Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080 Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br) Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003) Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.